



OCTÁVIO COSTA

JORNALISTA

ELEIÇÃO
PRESIDENCIAL

O fim da Era Malan

Com a escolha de Rita Camata para vice de José Serra, o quadro sucessório ganhou cores mais nítidas. O PSDB acredita que cedo ou tarde ocorrerá a polarização entre seu candidato e o favorito Luiz Inácio Lula da Silva. Se a polarização se der na forma de voto útil, a eleição poderá ser decidida no primeiro turno.

Parece excesso de otimismo dos tucanos. Enquanto Lula se mantém em posição superconfortável, Serra perdeu fôlego, foi superado por Garotinho e está embolado com Ciro Gomes. Mas o PSDB tem lá suas razões. Aos poucos o PFL volta aos braços de Abraão, e crescem as esperanças de renascimento da aliança que deu sustentação ao governo FH. A escolha de Rita foi bem recebida no PMDB e, segundo especialistas, terá igual sorte junto ao eleitorado feminino. Só falta pôr a máquina oficial em ação.

A crer nos marqueteiros, o país vai optar entre Lula e Serra. Ciro e Garotinho são azarões. Ciro tem as pretensões limitadas pela coligação, igualmente limitada. É prejudicado pelo discurso hermético. Quanto ao ex-governador do Rio, melhor não falar nada, sob risco de censura. Ele acredita em desígnios divinos, mas só aceita a imprensa a favor.

Aqueles que se alarmam diante da eventual vitória de Lula consideram o PT despreparado e temem que a estabilidade da economia vá para o brejo. Dão a entender que José Serra rezeirá pela cartilha do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Ledo engano. Serra é desafeto de Malan. Jamais concordou com a ênfase absoluta nas taxas de juros e no controle do crédito. Insufinou o grupo "desenvolvimentista" que se opôs ao "monetarismo" de Malan.

Terá José Serra mudado ao ponto de dar sequência à política econômica de Malan? Não. Se chegar ao Planalto, o tucano também vai mudar os rumos da economia. Pretende manter "a casa arrumada", mas cederá, de bom grado, às pressões do empresariado paulista pelo aquecimento da indústria. Candidato da situação que é, saberá aguardar o momento certo para anunciar as mudanças.

Pedro Malan, além de carioca, é o principal esteio do longo reinado da PUC-Rio na economia brasileira. Desde os primórdios do Plano Real, a hegemonia já completou oito anos. Como afirma Antônio Ermírio de Moraes, o grande mérito dos economistas da PUC foi conseguir debelar a inflação. Se alcançou a sonhada estabilidade, o Brasil deve o feito aos professores que saíram dos pilotis da Gávea para altos postos em Brasília.

A Fiesp e Antônio Ermírio reconhecem os méritos de Malan mas acham que o país está preparado para novo surto de desenvolvimento. Se Serra ganhar, ótimo. Lula, porém, não é de todo insensível às demandas dos empresários. Os economistas do PT, quando falam de ruptura, referem-se exatamente à necessidade de baixar os juros, mesmo ao preço de taxa razoável de inflação. Os petistas, com forte base em São Paulo, atiram em Malan e engrossam o coro do setor produtivo: o país tem de voltar a crescer.

É oportuno lembrar que, em 1979, empresários de São Paulo pressionaram o general João Figueiredo para tirar o carioca Mário Henrique Simonsen do Ministério da Fazenda. Estavam cansados da austeridade monetária, como hoje se dizem cansados da prioridade férrea que Malan conferiu à estabilidade. A vontade da Fiesp foi feita e a inflação explodiu.

O Brasil dos anos 80, da inflação anual de 2000%, ainda está fresco na memória nacional. Que o fim da Era Malan não represente o fim da estabilidade.